

CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIT: UM ESPAÇO PARA PRÁTICAS EXTENSIONISTAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Rudval Andrade de Oliveira¹
Angélica de Fátima Piovesan²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo falar sobre a importância da prática extensionista por meio da clínica-escola de psicologia da Universidade Tiradentes, situada em Aracaju, Sergipe. A partir da reforma universitária, tornou-se obrigatória a realização de projetos de extensão nas universidades e instituições superiores. Partindo das necessidades encontradas nos cursos universitários, percebemos a importância e a necessidade de um espaço específico como as clínicas-escola para que os alunos coloquem em prática tudo o que aprenderam em sala de aula, visando beneficiar a comunidade e contribuir para o resgate de uma população historicamente excluída. A prática extensionista na clínica-escola propicia ao aluno e ao seu supervisor-orientador a oportunidade de prestar atendimento de forma responsável, beneficiando a população de baixa renda, que é carente da atuação da psicologia na saúde pública do estado de Sergipe. Esta prática favorece a universidade, ajudando a divulgar e embasar a sua qualidade de ensino e responsabilidade social no mercado educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica-Escola. Comunidade. Extensão universitária. Responsabilidade social.

The Clinic-School of psychology from UNIT: a place for extension practice and social responsibility

ABSTRACT: This article aims to discuss the importance of extension practice through the clinic-school of psychology from University Tiradentes, located in Aracaju, Sergipe. According to the University Reform, it became mandatory to carry out extension projects in universities and higher institutions. Starting from the requirements found in university courses, we realize the importance and necessity of a specific space such as clinic-schools for school students to put into practice everything they learned in the classroom in order to benefit the community and contribute to the rescue of historically excluded population. The extension practice in the clinic-school presents to the student and his supervisor/coach the opportunity to provide care in a responsible manner, benefiting the low-income population that is devoid of psychological intervention on public health of the state of Sergipe. This practice encourages the university, helping to promote and support her teaching qualities and social responsibility in the education market.

KEYWORDS: Clinic-School. Community. University extension. Social responsibility.

¹ Pós-graduando em Comunicação Organizacional e Novas Tecnologias pela Universidade Tiradentes (rud_andrade@hotmail.com).

² Aluna do curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (angelicapiovesan@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

Partindo das necessidades encontradas nos cursos universitários e da obrigatoriedade dos cursos de extensão, escrevemos esse artigo enfocando a clínica-escola de psicologia da Universidade Tiradentes. Percebemos a extensão universitária como um fator importante no aprendizado do aluno e na assistência à comunidade no estado de Sergipe.

A reforma universitária de 1968, por meio da Lei Federal N. 5540, instituiu a obrigatoriedade da extensão universitária, conforme. “Art. 20. As universidades e os estabelecimentos de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados das pesquisas que lhes são inerentes” (LIMA, 2009, p. 29).

O curso de Psicologia tem como objetivo proporcionar o saber teórico, prático e metodológico da psicologia ao estudante que se interesse em se tornar um profissional que atua na prevenção, promoção e proteção da saúde psíquica, das relações inter-humanas, sociais e interpessoais. Tem como campos de atuações as áreas de saúde, educação, organizacional entre outras.

A função do ensinar e pesquisar acompanha a ideia de criação das universidades como instância produtora de conhecimento. Neste contexto, a extensão universitária surge a partir dos conflitos gerados pela sua própria razão de existir, uma vez que seu produto não se estende igualmente a todos, pois o acesso ao saber ao longo da história da humanidade tem se constituído em formas de poder, daí a universidade se imiscuir em processos de disputas e domínios (DEMO, 2001, p. 6).

Clínica-Escola

A Clínica-Escola de Psicologia tem como objetivo oferecer ao estudante de Psicologia as condições teóricas, técnicas e práticas para a realização de intervenções clínicas em diversas frentes de trabalho: prestar serviços de qualidade à comunidade, principalmente a carente, oferecendo-lhes atendimentos clínico-psicológicos; acompanhar cuidadosamente a qualidade dos atendimentos por meio de supervisão dos estagiários; promover a articulação entre a formação teórica e a formação profissional em Psicologia; viabilizar a formação clínica do profissional de Psicologia, levando em consideração o compromisso com a prática pautada em estimular e exercer a relação Ensino, Pesquisa e Extensão.

Os atendimentos são ofertados à comunidade sergipana por meio do plantão psicológico, psicodiagnóstico, orientação vocacional, triagem, psicoterapia de crianças, adolescentes e adultos, trabalhos especiais com o público da terceira idade e projetos voltados para atendimento de famílias. Outro fator relevante é a parceria com áreas afins (Psiquiatria e Neurologia) e parcerias com órgãos públicos (Secretaria de Segurança Pública, Saúde, Justiça, Direitos Humanos e Prefeituras).

A Clínica funciona como uma facilitadora na inclusão dos alunos em um ambiente com realidades educacionais práticas e diversificadas. Estes alunos prestam atendimentos efetivos que contribuem para a saúde mental de uma fatia economicamente desfavorecida da população e dependente de psicoterapia. Essa fatia, muitas vezes, é simplesmente esquecida e deixada de lado por governantes ou programas assistenciais. “O Brasil, país capitalista, caracteriza-se por ser uma sociedade autoritária e hierarquizada em que os direitos do homem e do cidadão simplesmente não existem” (CHAUI, 1986, p.2).

Para que os projetos de extensão formados por grupos recreativos infantis, de jovens, grupos temáticos de pais ou atendimentos individuais possam ocorrer de forma eficaz, há necessidade do *backstage* (bastidores) da clínica de Psicologia para facilitar a organização do número da clientela em fila de espera, assim como ajudar na disposição de recursos materiais ao alunado e eventualidades que possam acontecer durante o projeto (Figura 1).



Figura 1: Clima organizacional na recepção da Clínica-Escola.

Quando um projeto de extensão é desenvolvido, tem-se como objetivo contribuir para a formação do aluno tanto na sua prática profissional como no exercício da sua cidadania. O professor funciona como um facilitador e, ao contrário do ensino, na extensão ele não é o principal dissipador de conhecimentos. Segundo FREIRE (1996, p. 25), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, ou seja, na clínica as probabilidades são inúmeras e cabe ao futuro profissional aproveitar ou deixar essa oportunidade passar.

Por outro lado, a clínica é beneficiada, pois ganha credibilidade junto à comunidade e contribui para que a universidade colete dados importantes para melhorar seu atendimento e instalar novas práticas psicológicas. Além disso, a população ganha com serviços de qualidade e

aumenta sua possibilidade de acesso ao atendimento psicológico. Outro fator relevante é disponibilizar para a população carente de atendimento psicossocial um espaço de cidadania organizado que preste atendimento com total atenção, ética e respeito (Figuras 2 e 3).



Figura 2: Salas de atendimento na Clínica de psicologia da UNIT.



Figura 3: Brinquedoteca voltada para a formação de grupos recreativos de espera.

Para Freire,

educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que poucos sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que poucos sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1977, p. 24).

A prática extensionista da universidade

De acordo com Freire (1996, p. 154), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. É importante falar em Paulo Freire quando o assunto é extensão universitária. Para Freire a extensão é a forma de materializar o conhecimento, pois este só é fixado quando aplicado ao dia a dia. O homem é um ser que age e reflete, é um ser da *práxis*. A *práxis* se encaixa perfeitamente na extensão universitária quando lembramos que ela é a forma prática de uma teoria que se transforma numa experiência vivida. Freire propõe ainda uma relação entre comunidade e universidade onde as duas partes são atuantes e agem conscientemente buscando uma mudança concreta.

Paulo Freire trabalha a ideia de que o conhecimento não é passado de cima para baixo, existe um diálogo que funciona como propulsor para o desenvolvimento do trabalho e obtenção de resultados positivos na extensão universitária.

Autores como Saviani e Gramsci pensam de forma semelhante. Saviani (1989, p. 9) pensa a extensão universitária como uma forma possível de conhecer o mundo onde o homem atua por meio do trabalho. Enquanto Gramsci (1981, p. 17) pensa a extensão de forma semelhante ao concordar que o fim da visão dominante do saber é o início de uma nova concepção marcada pela troca de conhecimentos.

É notório que a atividade extensionista exerce função articuladora do ensino e da pesquisa resultante de um longo período de acúmulo de conhecimentos surgidos a partir de uma prática coletiva de pensar e refletir. Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve qualquer que seja o setor em que se realize a necessidade de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo (FREIRE, 1977, p. 23).

Interlocução de saberes: o caminho da extensão universitária

É necessário entendermos que a distância cada vez menor entre universidade e população se deu desde que as academias abriram suas portas, antes tão restritas, buscando trocar experiências. A Universidade passou a adotar o conhecimento popular como complemento para o conhecimento

científico. Isso quer dizer que agora os conhecimentos são parceiros e caminham lado a lado visando uma transformação efetiva e iniciando assim o longo caminho da interdisciplinaridade.

Na América do Sul, alguns fatores foram fundamentais para que essas portas fossem abertas. Um dos principais aconteceu em 1918, trata-se do Manifesto de Córdoba, quando estudantes argentinos reivindicaram a abertura e a sensibilidade da universidade para os problemas sociais.

Gurgel (1986, p. 25) afirma que antes disso, no Brasil, algumas tentativas de abrir as portas das academias para a comunidade já teriam acontecido. Segundo ele, a primeira experiência de extensão universitária foram as conferências semanais e gratuitas abertas oferecidas pela Universidade Livre de São Paulo.

Durante o atendimento a um paciente da clínica, é possível ver a interlocução de saberes na prática. Enquanto o aluno disponibiliza todo o seu conhecimento científico, o paciente atendido, de alguma forma, contribui transmitindo novos ensinamentos, como por exemplo, uma nova expressão para o que ele sente ou até informações sobre as características da região onde mora.

A interlocução de saberes é um fator extremamente importante no projeto de extensão universitária. Afinal, a aprendizagem se dá quando os saberes se compartilham e constroem uma relação de reciprocidade entre as pessoas. Marques (1996, p. 86), acredita na interlocução de saberes como saberes constituídos em anterioridade, prévios às relações com que se vão reconstruir enquanto aprendizagem.

Para que o atendimento ocorra na clínica, outras áreas colaboram de forma significativa contri-buindo nessa interlocução. Não só os alunos de psicologia atuam de forma direta. Alunos do curso de administração ajudam na parte organizacional e alunos de serviço social cuidam do acolhimento inicial ao paciente. Sempre que necessário, a clínica faz o encaminhamento para outras atividades extensionistas da universidade. Seja um tratamento odontológico, jurídico ou exame laboratorial, por exemplo. Todos estes serviços são oferecidos gratuitamente para a população de baixa renda ou é cobrada uma taxa semestral com um valor simbólico pela universidade para quem tenha condições financeiras de pagar.

Tal como explica Fazenda (2003, p. 74), a interdisciplinaridade e experiência prática formam a base da extensão universitária. O registro das experiências vividas pode gerar novas perspectivas, depende do exercício interdisciplinar de captar o movimento dialético e contraditório.

Por outro lado, o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas (FREIRE, 1977, p. 20). Esses conhecimentos e técnicas derivam de cada um que o pratica e partem do princípio que a educação é a mola propulsora de toda a base do conhecimento.

A educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e

ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO, 2004, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao deixar a extensão de lado, a Universidade esquece toda uma comunidade carente de ajuda e mostra que não dá valor aos seus profissionais e alunos. Quando não se propicia uma formação integral consolidada, faz-se esquecer que a interação entre as pessoas é que proporciona a fusão do aprendizado. E dessa fusão surgem resultados favoráveis à produção de conhecimentos científicos.

Durante uma atividade de extensão, a universidade se aproxima da realidade local, regional e nacional, atualizando sempre seus conhecimentos, alterando sua estrutura, percebendo os anseios de uma comunidade carente e se voltando para a realidade atual do Brasil.

Quando organizadas de forma correta e trabalhadas com qualidade, as atividades de extensão preparam seus futuros profissionais para uma carreira brilhante, aproximando sala de aula e prática e fazendo valer a tão famosa *práxis* trabalhada por Paulo Freire. Este autor é tão citado neste artigo devido a sua enorme importância na educação deste país. Suas ações e pensamentos foram marcantes e estarão sempre presentes nos caminhos da educação.

A Clínica-Escola, dentro da extensão universitária, funciona não somente como espaço formativo, mas também como espaço democrático de exercício da cidadania. Portanto, a viabilização da extensão como prática social da universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa. Ela implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia mediadas pelo diálogo são os pilares de sua ação e produção do conhecimento, elemento propulsor da emancipação humana e social.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 20).

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEMO, P. Lugar de Extensão. In. FARIA, Dória Santos de. (org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da História**. 4.ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1981.

GURGEL, Mauro. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986.

LIMA, R. C. P. Extensão universitária: uma contribuição holística para a edificação dos direitos da criança e do adolescente. **Balanco social da Universidade Tiradentes 2009**. Aracaju: UNIT, 2009. p. 26-35.

MARQUES, Mario Osório. **Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de saberes**. Ijuí: Unijuí, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Ministério da Saúde. Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro: 1989.

Submetido em 17 de junho de 2010

Aprovado em 04 de agosto de 2010